



viver.

Porto Alegre, 19, 20 e 21 de maio de 2023 - Nº 41 - Ano 27

RENATO PARADA/DIVULGAÇÃO/JC

Autor gaúcho que cruzou diferentes fronteiras, Paulo Scott fala sobre prosa, poesia, humanidade e deslocamentos

Reportagem Cultural

Paulo Scott subiu no palco

Rafael Gloria, especial para o JC

As vezes é fácil deixar de lado, em uma trajetória com livros renomados, que Paulo Scott também é um autor que celebra o palco e os seus encontros. Na época em que vivia em Porto Alegre, por exemplo, o escritor de obras como *Marrom e Amarelo* e *Mesmo sem dinheiro comprei um esqueite novo* foi o idealizador de alguns eventos que movimentaram a cidade.

Um exemplo foi *PÓQUET: Ruído e Literatura*, com apresentações de escritores e músicos. Também realizou o *Na TáBUA*, em que ele e o amigo ilustrador

Fábio Zimbras literalmente espalharam literatura na cidade por meio de artes gráficas. Quando foi para o Rio de Janeiro, em 2008, criou o *De Modo Geral*, a revista ao vivo do comportamento brasileiro, que aconteceu no Instituto Moreira Salles. Um espetáculo de palco, em que havia convidados do meio literário, e contava com seu amigo Flu (Flávio Santos, ex DeFalla) colocando a trilha. Depois, o programa foi transformado em podcast durante a pandemia. Agora em São Paulo, também segue realizando eventos, e continua com a Orquestra Literária, em que combina poemas e músicas.

Scott explica que fazer isso é uma forma de se aproximar das pessoas e sair da sua zona de conforto. “Nunca fiz com a intenção de agitar culturalmente, criar uma cena ou promover meu trabalho. É que eu sou muito curioso em relação aos outros, e quando uma pessoa sobe no palco, ela se entrega de uma maneira diferente. Naturalmente, não tenho essa vocação de me aproximar, embora digam que sou agregador, porque tenho isso de apresentar as pessoas”, analisa. Para ele, então, essa é uma forma de ir além de apenas conhecer um trabalho. “Porque você está organicamente com

aquela pessoa, conversando. E eu me tornei amigo de muitos que eu não me tornaria se não tivesse chamado eles para subir no palco”, aponta.

O escritor Marcelino Freire diz que, nesse sentido, Scott também é inovador e inquieto. “Quantos projetos únicos ele realizou! Sem contar as inúmeras vezes em que ele participou da Balada Literária, me ajudando a tocar esse evento que acontece desde o ano de 2006”, afirma.

A escritora e roteirista Morgana Kretzmann, com quem Scott é casado, vê generosidade nele em relação a novos escritores e também com aqueles que já estão na estrada há um tempo. “O Paulo é uma pessoa que está sempre abraçando e acolhendo, e isso é algo muito admirável nele. Eu sempre acreditei que uma relação, para ser duradoura e longa, se baseia também na admiração que a gente tem pelo parceiro ou pela parceira, e no nosso caso acredito que a nossa relação vai muito por esse caminho. Tenho muito orgulho não só do escritor, mas da pessoa que ele é”, diz.

Talvez a relação do palco tenha a ver muito com o fato

de Scott se identificar, antes de tudo como poeta. “Eu sou poeta, eu não consigo não pensar em poesia. Então, por mais que as pessoas me vejam como romancista, eu não posso fazer nada. ‘Tu és um poeta que ninguém entende’, é o que eu mais escuto. Ninguém entende, mas a maioria esmagadora das editoras de poesia do Brasil quer me publicar. Eu tenho uma poesia que eu sei que ninguém faz igual no País. E que inspirou outras pessoas”, acredita. Ele também se diz músico frustrado, e já declarou que a banda que mudou a sua vida para sempre foi o conjunto rapper Public Enemy.

Além de estar trabalhando em um novo romance, o autor, que também é formado em Direito, está escrevendo o livro *Direito Antifascismo Brasil*, e faz doutorado em Psicologia na Universidade Federal Fluminense, em que investiga a ética da violência na literatura brasileira contemporânea a partir do romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Mas, antes de tudo, o poeta Paulo Scott está sempre ali, pronto para entrar no palco.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Acervo digitalizado

A inauguração, na noite da sexta-feira retrasada, do Acervo Sônia Duro, guardado ao longo de muitos anos no espaço do Teatro de Arena, foi um importante momento para as artes cênicas do Rio Grande do Sul. E por vários motivos, o menor dos quais seja a documentação a respeito das atividades da censura junto às artes, em geral, e às artes cênicas, em especial. Explico: o material disponibilizado, ao que parece, foi cedido originalmente, em sua grande maioria, pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), então sob a diligente coordenação de Aron Menda. A maior parte dos textos traz um carimbo, logo na primeira página, que explica ser aquela liberação do texto exclusivamente dirigida para apresentação à censura. Para quem conhece o processo então vigente (e na questão dos direitos autorais ainda em vigor), deve-se entender o seguinte:

- O grupo interessado em transformar em espetáculo um determinado texto, dirigia-se à SBAT para conseguir um texto original a ser estudado e apresentado preliminarmente à Censura;

- É preciso lembrar que o processo censural de então desdobrava-se em duas etapas: na primeira, a censura examinava o texto, liberando-o totalmente ou com cortes, ou vetando-o, pura e simplesmente;

- Se liberado, o grupo podia iniciar seus ensaios; quando o espetáculo estivesse preparado para a estreia, um ou mais representantes da censura compareceriam a um espetáculo realizado em teatro vazio, onde a encenação ocorria, de preferência com cenários, iluminação e figurinos; de novo, agora o espetáculo era liberado totalmente ou com cortes (se no texto) ou recomendações de modificações de marcações (se na maneira de representar) ou proibido, pura e simplesmente.

Esta dupla censura resultava numa terceira e mais eficiente censura, de que sou testemunha ao menos num episódio, o da peça *Calabar, o elogio da traição*, de Chico Buarque e Ruy Guerra. Liberado o texto, a empresa produtora de Fernanda Montenegro e Fernando Torres providenciaram a produção do espetáculo. Às vésperas da estreia, houve o ensaio para a liberação do espetáculo que, então, foi

proibido. A empresa faliu.

Esta censura era a mais ferrenha e covarde, porque a mais eficiente. E isso explica porque boa parte dos textos dos anos 1970 continham apenas dois personagens, quando não eram monólogos.

O Acervo Sonia Duro, agora digitalizado, antes de mais nada mostra a diligência da querida produtora em guardar todo este material, apesar das precárias condições de umidade do espaço teatral. Aliás, não é por nada que uma parte do material digitalizado, embora preservado, agora, tem legibilidade bastante dificultada.

Outra questão a se considerar é que, por serem estas cópias, em boa parte, aquela cópia devia ser uma primeira versão, aquela entregue pela SBAT. Então, todos os originais possuem o carimbo da SBAT, mas nem todos possuem o carimbo do escritório ou representante da Censura Federal em Porto Alegre. E apenas uns poucos apresentam os cortes de texto obrigados pela censura. Em síntese, o acervo é menos um documento de censura (ainda que evidencie, pelo carimbo, aquela obrigatoriedade) do que serve para que o estudioso possa avaliar quais os textos que eram então propostos a montagens (no caso de autores locais, nacionais ou estrangeiros), quais os autores apresentados etc. Neste caso, ganha relevo podermos identificar quais os “dramaturgos” da época: isso nos permite aquilatar os temas de interesse potencial, os grupos dramáticos em funcionamento, os critérios (haveria?) da censura na proibição ou no corte (por exemplo: palavras, referências à política imediata, referências a drogas, críticas a autoridades estrangeiras etc).

O trabalho realizado pela equipe da Sedac e do Teatro de Arena, neste sentido, é profundamente importante e amplia o que, neste mesmo sentido, já há alguns anos, a Escola de Comunicação e Artes da USP realizou, e a cujo lançamento também tive a oportunidade de assistir.

O interessado pode acessar o link acervos.cultura.rs.gov.br e se abismar com a estupidez censória, ou divertir-se e ilustrar-se com o material de dramaturgia então proposto enquanto potencial espetáculo.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Desafios e benefícios

Para muitos a palavra *streaming* passou a identificar um inimigo poderoso do verdadeiro cinema, aquele que só pode ser contemplado numa sala de exibição. Certamente, a observação é correta, principalmente quando a sala escolhida conta com os novos sistemas de projeção, bastante superiores aos utilizados durante o século passado. As qualidades dos novos processos, agrupados sob a sigla DCP (Digital Cinema Package), transformou a película em peça de museu e tem feito com que as novas gerações vejam clássicos de uma forma inacessível às gerações passadas. São muitos os filmes realizados décadas atrás e que, ao voltarem a ser exibidos pelos novos processos, ganham em plasticidade, definição, transparência e nitidez. Isso tudo para não falar na parte sonora, que contribui de maneira robusta para que o espectador se sinta dentro da ação focalizada. Nos últimos meses, muito se tem falado e escrito sobre as dificuldades que o cinema tem enfrentado, a principiar pela pandemia que inclusive fechou salas em todo o mundo. Como era inevitável, cresceu bastante o setor dedicado a oferecer ao público o assim chamado “cinema em casa”. Mas este, na verdade, embora não com a intensidade atual, sempre existiu. Antes da televisão, as empresas produtoras costumavam providenciar cópias de seus filmes em formatos menores, em 16 e 8 milímetros, que eram alugados ou comprados pelos que possuíam aparelhos domésticos de projeção. Não é possível, claro, comparar com os recursos hoje utilizados, mas foi o princípio de um processo que colocou o cinema mais perto do público, proporcionando aos interessados até mesmo formar pequenas cinematecas domésticas, como acontece hoje como DVD e outros recursos.

A chegada da televisão e, depois, a atuação de canais a cabo dedicados ao cinema - mesmo que muitos deles não tenham imaginação ou recursos para impedir que sua programação seja quase sempre a mesma - contribuíram para o aumento do desafio ao mesmo tempo que permitiram que a linguagem cinematográfica fosse mais rapidamente assimilada pelos então

novos espectadores. Basta verificar que certos recursos empregados por Alain Resnais em *Hiroshima* e *Marienbad*, que espantaram e confundiram espectadores por ocasião de seu lançamento, hoje são empregados em filmes publicitários. Portanto, além dos desafios, a indústria cinematográfica, que não desapareceu e não desaparecerá, tem sido provocada a ampliar seus poderes e, assim, propiciar aos que nela atuam como criadores de formas de expressão a continuidade de seu trabalho. Após a pandemia, que foi a maior ameaça enfrentada pelo cinema em toda a sua história, as salas estão começando a receber um público cada vez maior, principalmente entre aqueles que, sem negar a importância de outras formas de ver filmes, sempre souberam apreciar o cinema de maneira correta. Além disso, a necessidade de, por vezes, abandonar os rituais domésticos também contribuiu para a retomada da frequência a salas de cinemas.

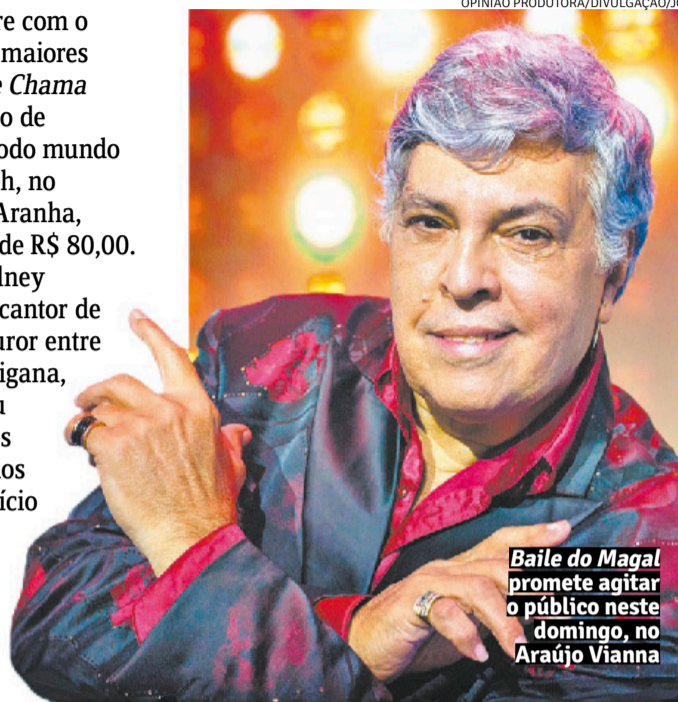
Numa fase em que é imprescindível a volta do público, filmes dedicados a grandes plateias têm funcionado - e de forma bastante expressiva - como elemento decisivo. E até recordes de bilheteria têm aparecido, como no caso do segundo *Avatar*, de James Cameron. E filmes dedicados a outro público, igualmente atraíram espectadores. Basta ver que neste ano foram exibidos no cinema filmes como *Os Fabelmans*, de Steven Spielberg, *Babilônia*, de Damien Chazelle, *O triângulo da tristeza*, de Ruben Östlund, *Tar*, de Tod Field, *Close*, de Lucas Dumont, e *Um filho*, de Florian Zeller. Este último título é obra de um diretor - também encenador teatral dos mais elogiados - que havia realizado antes outro filme notável, *Meu pai*, que permitiu a Anthony Hopkins receber seu segundo Oscar. Este diretor francês já pode ser visto como um dos maiores da atualidade, o que torna grande a expectativa pelo seu novo filme, que deverá completar uma trilogia. Alguns dos filmes mencionados já estão disponíveis em plataformas digitais. Outros, por vezes, voltam em salas especiais, como as da casa de Cultura Mário Quintana, Cinemateca Capitólio, e Bancários.

fique ligado

Quero ver o seu corpo dançar sem parar

Sidney Magal está de volta a Porto Alegre com o espetáculo *Baile do Magal*, trazendo os seus maiores clássicos, como *Sandra Rosa Madalena* e *Me Chama Que Eu Vou*, além de um repertório exclusivo de grandes sucessos internacionais para fazer todo mundo dançar. O espetáculo é neste domingo, às 20h, no Auditório Araújo Vianna (avenida Osvaldo Aranha, 685). Ingressos à venda na Sympla, a partir de R\$ 80,00.

Nascido em uma família de artistas, Sidney apareceu na mídia nos anos 1970 como um cantor de músicas sensuais e românticas, causando furor entre as fãs. Incorporando elementos da música cigana, da disco music e da música latina, se tornou presença constante em programas populares de televisão, adotando o nome Magal. Um dos pontos altos de sua popularidade veio no início dos anos 1990: com a efêmera explosão da lambada, Sidney Magal tomou de assalto as paradas de sucesso com a música *Me Chama Que Eu Vou*, que foi inclusive tema da novela *Rainha da Sucata*, da Rede Globo.



OPINIÃO PRODUTORA/DIVULGAÇÃO/JC

MPB para mexer com o espírito das crianças

Música Popular Brasileira para crianças de todas as idades é a proposta de *Adivinha o que é*, um musical inspirado no disco homônimo do MPB4 que chega aos palcos da capital gaúcha, neste sábado e domingo, às 16h, no Teatro do CIEE (rua Dom Pedro II, 861). A partir das músicas do álbum, lançado em 1981 e uma das obras produzidas para crianças com maior reconhecimento da nossa história, a autora e diretora Juliana Barros desenvolveu uma dramaturgia que conta também com as músicas

cantadas ao vivo pelo elenco. O musical apresenta a história da princesa RosaBranca, que, às vésperas do seu aniversário, tem um pesadelo onde ela se transforma em um botão. Assustada, ela decide que nunca mais vai dormir, deixando todo o reino preocupado. Para restabelecer o sono da menina, o trio de cantadores mágicos leva a princesa para uma jornada de aventuras através da Floresta Mágica do Tempo. Os ingressos estão à venda no site da MegaBilheteria, por valores a partir de R\$ 30,00.



Peça *Adivinha o que é* está em cartaz neste fim de semana no Teatro do CIEE

VILMAR CARVALHO/DIVULGAÇÃO/JC

Celebrando a potência do candombe

La Brasa Lunera, uma comparsa de candombe de Porto Alegre, promove o 2º Baile de Candombe, neste sábado, às 22h30min, no Afro-sul Odomode (av. Ipiranga, 3850). Ingressos no Sympla, a partir de R\$ 15,00.

A noite começa com a seleção musical da Sil o Gatito. Sua pesquisa abarca diversos ritmos brasileiros, em especial o funk

BR e o rap nacional, passando também por ritmos latinos como perreo e cumbia, e ainda jazz, disco, soul e afrobeats. Após temperar os couros e as madeiras, a anfitriã e organizadora do evento La Brasa Lunera surge com o toque do candombe afro-uruguaio, com muito tambor e dança. A festa continua com a presença do convidado especial, Maracatu Tru-

Debate entre Freud e C.S.Lewis no Theatro São Pedro

A Última Sessão de Freud, peça dirigida por Elias Andreato para o texto de Mark St. Germain, se apresenta em Porto Alegre, nesta sexta-feira e sábado, às 20h, e domingo, às 18h e às 20h30min, no Theatro São Pedro (praça Mal. Deodoro, s/n). A trama apresenta um encontro fictício entre Sigmund Freud o pai da psicanálise, e o escritor, poeta e crítico literário C. S. Lewis, dois intelectuais que influenciaram o pensamento científico filosófico da sociedade do século XX. Os ingressos estão à venda pelo site e na bilheteria do Theatro São Pedro.

Durante o diálogo, Freud (Odilon Wagner - indicado ao Prêmio Shell e Prêmio APCA 2022 por este papel), crítico implacável da crença religiosa, e Lewis (Claudio Fontana), renomado professor de Oxford, crítico literário, ex-ateu e influente defensor da fé baseada na razão, debatem, de forma apaixonada, o dilema entre ateísmo e crença em Deus.

vão, grupo que existe desde 2004 e celebra a cultura afro-brasileira do maracatu de baque virado. Além disso, Faylon, integrante do coletivo turmalina, estará tocando sua seleção musical que levará o público numa viagem afro diaspórica, desde o funk brasileiro até o hiplife, passando por ritmos contemporâneos do Caribe e a África Ocidental.

Agenda

- Espetáculo *Sobrevida*, que traz experiências de quem vive com HIV, estreia em Novo Hamburgo com sessão gratuita no Teatro Paschoal Carlos Magno. Sábado, 20h, entradas pelo Sympla.
- Arthur de Faria e convidados falam sobre o álbum *Tum Toin Foin* no projeto Obras Comentadas. Sábado, 16h, acesso online gratuito pelo canal do projeto no YouTube.
- Feira Poa Criativa em edição de Mês das Mães, na Praça do Multipalco (Praça Mal. Deodoro, s/n). Gastronomia, expositores e atividades culturais diversas. Domingo, das 11h às 19h, entrada franca.
- *Terapia de Casal*, uma comédia em crise volta ao Teatro do CIEE (Dom Pedro II, 861) na sexta-feira e sábado, 21h, e domingo, 19h. A partir de R\$ 60,00, no Megabilheteria e no local.
- Davi Kneip é a principal atração do Baile da Provoca na Provocateur Porto Alegre (Silva Jardim, 331). Sexta-feira, 23h, a partir de R\$ 90,00 no Ingresso.
- Espetáculo *Cuco* para bebês segue na Sala Cecy Frank da CCMQ nos sábados e domingos, 15h e 17h, até 9 de julho. Ingressos no Entreatos Divulga.
- BarraMusic Sunset no BarraShoppingSul (Diário de Notícias, 300) terá shows de Tati Portella e Acústicos & Valvulados, além de outras atrações musicais, bebidas e comidas de rua. Sexta-feira e sábado, das 17h às 22h30min, entrada franca.
- Projeto Jazz Na Beira de O Butiá recebe Mari Kerber Quarteto, com gastronomia e música ao pôr do sol. Domingo, 16h45min, R\$ 90,00 (R\$ 50,00 para consumo) em www.obutia.com.
- Festival Rock Na Praça celebra 21 anos neste domingo, a partir das 14h, na Praça Coração de Maria, em Esteio. Rock autoral, praça de alimentação e feira de economia criativa. Entrada franca.



VELOZES E FURIOSOS 10

HOJE NOS CINEMAS

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA
VERSÕES ACESSÍVEIS DISPONÍVEIS. CONSULTE O CINEMA PARA MAIS INFORMAÇÕES.

ORIGINAL FILM UNIVERSAL PICTURES

reportagem cultural

Anos de formação

Rafael Gloria, especial para o JC *

Paulo Scott nasceu em Porto Alegre, em 1966, tendo crescido no bairro Partenon, uma região cheia de ruas com nomes de escritores, como Caldre Fião, João do Rio e Paulino Azurenha. A área é considerada violenta, e até hoje é conhecida pejorativamente como Maria Degolada. “Então, o pai sendo policial civil era uma tensão redobrada”, diz. Mesmo assim, brincava, com cuidado, com alguns amigos na rua.

O autor reflete sobre os diversos graus de colorismo da sua família. “A minha mãe sempre deixou claro que nós éramos uma família negra, então, esse vacilo de identidade eu nunca tive. E eu acho que uma pessoa que não é de uma família multicolor nunca vai entender isso, porque as pessoas negras que são de pele clara muitas vezes não se sentem negras, mas isso também vai depender muito da sensibilidade de cada um”, diz. Muito da sua experiência está no celebrado romance *Marrom e Amarelo*, que era também como seu pai chamava ele e seu irmão, André, que é retinto.

Algum tempo depois, se mudaram para o outro lado do Partenon, em uma rua entre a avenida Bento Gonçalves e a Ipiranga. O ambiente era diferente, e ele recorda de só haver uma outra família negra vizinha na rua. Scott começou os estudos no colégio Padre Balduino Rambo. “Eu era uma criança que vibrava muito com a escola. Eu invariavelmente me apaixonei pelas minhas professoras, sempre, acho que até a quinta série do

ensino fundamental”, diz. Via na biblioteca um local perfeito para ser um refúgio e uma fonte de conhecimento. No colégio ia bem e era destaque entre os melhores alunos. E diz que sempre carregou uma exigência muito forte consigo. “Acho que uma das causas do meu sofrimento é que eu sou consciente das minhas imperfeições. Eu não tive como esconder isso, porque eu fui uma criança com uma gagueira muito evidente”, diz.

Mais tarde, Scott estudou no colégio marista Champagnat, onde concluiu o ensino médio. Ele lembra de sempre escrever. “Meus primeiros poemas são aos doze anos. Era assim uma ambição envergonhada, e tinha uma coisa de fraqueza, mas no Champagnat tive ótimos professores que valorizavam a literatura, então, escrever foi meio consequência. Lembro de uma ótima professora de redação que tive, e ela sempre dizia que o meu texto era confuso e atrapalhado. Então, esse meu modo de escrever está um pouco na minha genética, no meu DNA”, aponta. Scott continuou no mesmo campus na graduação, pois fez Direito na Pucrs, de 1984 a 1988.

Teatro, Arquitetura e até Oceanologia (mergulha desde criança, quando passava os verões em Garopaba, outro lugar marcante em sua trajetória) eram algumas das suas opções no vestibular, mas acabou na área jurídica. Na época da faculdade, começou a se envolver profundamente com política: acabou sendo presidente do DCE da Pucrs, militou no Partido dos Trabalhadores, foi assessor jurídico de Olívio Dutra, trabalhou em es-



Após infância marcada pela gagueira, Paulo Scott acabou desenvolvendo um estilo particular de escrita

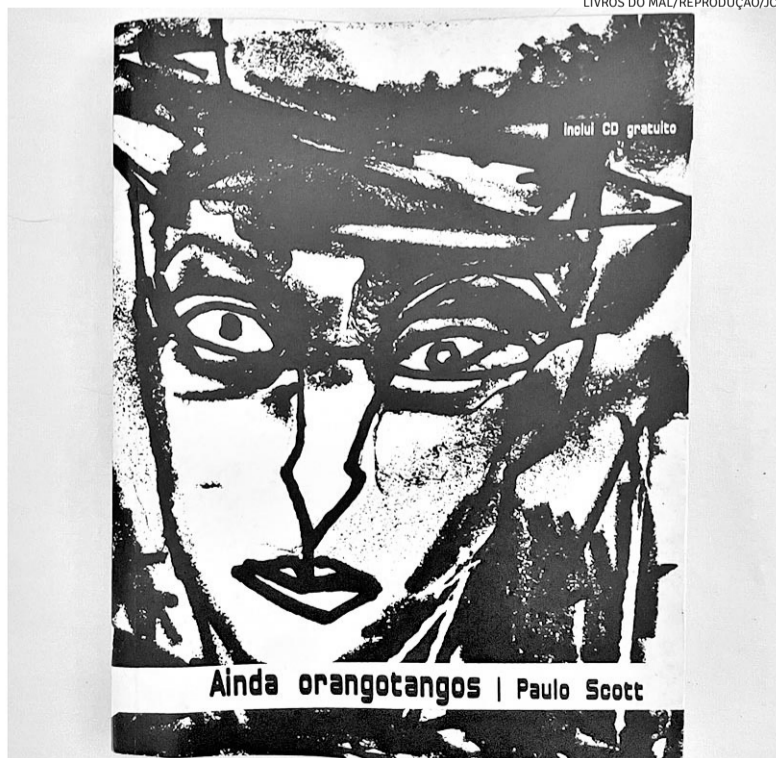
critórios. Com o tempo se desfilou e virou crítico ao PT, até voltar a fazer campanha na época da eleição de 2018. “Eu era anarquista e ainda sou. E isso é muito louco, porque eu era anarquista e entrei pro PT e virei um socialista. E agora, depois da pandemia, eu volto a ser convicto de que o único diálogo capaz de evitar um mundo fascista é um

diálogo anarquista. De corte socialista, porque não dá para estimular o anarco-capitalismo, que é um bando de fascistas”, diz. Scott também deu aulas de Direito por muito tempo na Pucrs.

A trajetória literária começa com o livro de poesia *Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e atenuar os sofrimentos dos*

monstros, publicado pela editora Sulina em 2001, ainda sob pseudônimo de Elrodis, uma espécie de acrônimo do nome de seu pai, Elói. “Foi a cantora Simone de Costa Carvalho que me abriu os olhos para isso. Ela me disse que não era corajoso não querer publicar. Que o corajoso era se expor ao mundo”, diz.

LIVROS DO MAL/REPRODUÇÃO/JC



Primeira edição, com CD incluso, foi lançada com apoio do Fumproarte

Vinte anos de *Ainda Orangotangos*

Scott considera *Ainda Orangotangos*, publicado em 2003 um divisor na sua carreira. “Mudou a minha vida. As pessoas que não têm intimidade com a minha trajetória dizem que o livro que teve esse efeito foi o *Habitante Irreal*, que para muitos é a minha primeira grande contribuição literária”, diz. Mas, de fato, o livro de contos que se passa em Porto Alegre foi o que jogou a primeira luz sobre o autor, chamando atenção de editoras fora do Rio Grande do Sul. Entre elas, Isa Pessoa, que na época estava na Objetiva e o convidou para ser autor da casa. E ele permanece lá desde então, visto que a Objetiva virou Alfaguara, que foi comprada depois pela Companhia das Letras.

Na época, o poeta carioca Chacal estava procurando artistas para

um evento chamado Free Zone, que acontecia em diversas capitais. “Ele pediu para o Frank Jorge selecionar cinco grupos em Porto Alegre, e o Frank tinha me visto no Sarau Elétrico, convidado pela Kátia Suman, a primeira pessoa que me deu espaço público”, diz.

O músico chamou Scott para o evento e lá ele conheceu Daniel Pellizzari e Daniel Galera, sócios na Livros do Mal, que tinha surgido na cidade pouco tempo antes. “Me convidaram para publicar um livro de poesia, mas eu tinha um de contos. Na época, estava certo que ia sair na Conrad Editora, só que iria demorar cerca de um ano. Os próprios editores de lá me falaram para procurar a Livros do Mal, porque ela estava acontecendo nacionalmente”, explica. O livro foi lançado com

apoio do Fumproarte, junto com um CD, cada história acompanhada por uma vinheta diferente.

Em 2007, *Ainda Orangotangos* ganhou uma adaptação para o cinema. Gustavo Spolidoro dirigiu a produção, filmada em plano sequência. “O Scott deu uma grande liberdade pra gente criar, e eu sempre deixei claro que seria o meu filme, no sentido ser a minha visão do livro. Ele só pediu para ler o roteiro porque, como Scott é um autor negro, ele fazia questão de verificar se eu não estava cometendo nenhuma injúria racial ou equívoco de avaliação”, diz Spolidoro. Scott comenta que sentiu um estranhamento a primeira vez que assistiu ao filme. “Foi só na terceira vez que eu vi, quando já estava morando no Rio de Janeiro, que eu achei genial”, revela.

Entre cidades e amigos

Atualmente morando em São Paulo, Scott primeiro foi para o Rio de Janeiro, em 2008. Ele conta que sua decisão se deu porque, se fosse para São Paulo, se sentiria em uma zona de conforto, por ter muitos amigos na cidade. “Então pra mim foi muito mais desafiador. Esse é um motivo forte. O outro é que eu sempre fui apaixonado pelo Rio de Janeiro”, diz.

O escritor Marcelino Freire diz que conhece Scott desde a época da Livros do Mal. Amigos, de longa data, ele conta que, quando ainda não morava em São Paulo, o escritor gaúcho de vez em quando se hospedava em seu apartamento na Vila Madalena. “Ele dormia em um colchonete bem pequeno. Os pés dele ficavam de fora do colchonete. Era uma imagem engraçada. E reveladora do péssimo anfitrião que eu era. Daí resolvi comprar um colchonete bem maior, a fim de caberem decentemente as pernas do amigo. Até hoje o colchonete existe. Digo que é um colchonete literário. Por ele já passaram autores

como Paulo Lins, Adrienne Myrtes e Valter Hugo Mãe (esse, quando dormiu por aqui, ainda era o colchonete antigo - as pernas do Mãe couberam lá, sem grandes dificuldades)”, conta. Freire diz que Scott é como uma antena girando para todos os lados, pois acompanha tudo que acontece e lê seus contemporâneos.

Já Joca Terron, também amigo de Scott, relata que eles vivem uma relação de estranhamento, pois raramente concordam em qualquer assunto. “Ele se comporta de modo contemporizador em público, mas no privado é provocador e maledicente. Eu sou provocador e maledicente em público, e contemporizador no privado. Mesmo assim, nunca brigamos. Talvez já tenhamos brigado, mas depois voltamos às boas. ‘As boas’ talvez não condiga com a realidade, pois continuamos a discordar de quase tudo. A despeito disso, continuamos amigos. Em geral, quando há tanta estridência na relação, a amizade chafurda. Não é o nosso

caso. Digamos que nossa amizade se reafirma na discórdia”, reflete. Para ele, *Habitante Irreal* e *Marrom e Amarelo* são grandes romances da literatura brasileira contemporânea. “Ele criou seu estilo a partir de suas deficiências, a dislexia. Acredito nisso piamente, que a partir dessas dificuldades com a linguagem ele inventou um estilo inconfundível de fraseado, oscilante e rítmico. São poucos autores que alcançam isso, quase nenhuma na prosa de ficção brasileira atual”, aponta.

A escritora Andréa Del Fuego concorda e afirma que Scott é um dos raros autores contemporâneos que consegue aliar um trabalho de linguagem e conversar com o seu tempo. “Faz isso a partir do centro do furacão do ponto de vista do conteúdo, sem abrir mão de uma linguagem selvagem, livre e galopante”, pontua.

Ainda teve o período em que Scott morou em Santa Catarina, mais particularmente em Garopaba. “Eu fui para lá porque sentia que precisava botar os pés



Scott passou por Rio de Janeiro e Garopaba antes de fixar-se em São Paulo

no chão. Eu não podia continuar naquela inércia, em uma bolha cultural da zona sul do Rio de Janeiro, com os mesmos interlocutores”, explica. O casal ficou lá de 2016 a 2019, época de crescimento do bolsonarismo e de acirramento político.

Em São Paulo desde 2019, ele e Morgana moram em um apartamento onde cada um conseguiu montar seu escritório. Ela diz que ambos são os primeiros leitores um do outro. “Eu sou muito empolgada com o processo criativo

do Paulo, e eu sei que ele também é com o meu. Então, estamos sempre conversando, um lendo o texto do outro, opinando. Brinco que a gente vive numa espécie de oficina literária eterna”, revela. Scott diz que resolveram morar em São Paulo, porque a cidade é um local onde todas as conexões são possíveis. “Eu acho que, de alguma forma, esse deslocamento dentro do Brasil, de sair de Porto Alegre, sempre ficou esperando essa chegada em São Paulo”, finaliza.

Sobre livros e escrita

Paulo Scott varia bastante entre prosa e poesia. Para a crítica literária Paula Sperb, o escritor abraça a literatura de forma generosa. “Além de escrever bons romances e poesia, prestigia novos escritores, participa de eventos, lê seus pares e divulga suas descobertas literárias. Nesse aspecto, Scott me lembra muito Jorge Amado, que além de *best seller*, lia originais que recebia de aspirantes, escreveu prefácios e lutava, entre tantas causas, pela profissionalização dos escritores e do mercado do livro nacional”, acredita.

O escritor Amílcar Bettega leu *Habitante irreal* (2011) de uma vez só, durante uma viagem de avião entre Paris e Porto Alegre. “Fiquei encantado, um livro que mostrava o grande escritor que ele é (e que eu já tinha percebido em seus contos). Cada nova obra só fez aumentar a minha admiração pela literatura dele, que, além do mais, é uma figura humana queridíssima”, conta. O livro ganhou o Prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional (2012).

Para o poeta Ronald Augusto, Scott é um prosador que em suas obras não “descarta nem da inventividade nem da atenção

peito dessa relação me parecem de inestimável relevância”, diz.

A professora do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de São Paulo Ivone Daré diz que, tematicamente, pode-se ver uma proximidade entre *Habitante Irreal* e *Marrom e Amarelo*, na medida em que ambos discutem, por meio da ficção, fatos e acontecimentos que mobilizam a opinião pública brasileira na contemporaneidade, a questão negra e a questão indígena. “Além disso, há, em Paulo Scott, uma técnica narrativa que se reitera: fragmentos de histórias de diferentes temporalidades e sob diferentes pontos de vista vão compondo um painel que só se esclarece aos poucos, amarrando, então, a teia dos eventos. Pode-se pensar se essa é uma técnica que se repete por escolha autoral ou se se trata de maneirismo - o que só a sequência da sua produção poderia aquilatar”, diz.

Marrom e amarelo foi traduzido para o inglês, ganhando o nome de *Phenotypes*, sendo indicado ao prestigiado International Booker Prize em 2022. “O fato é que o livro faz sentido até para estrangeiros. Porque essa é uma questão não enfrentada, embora seja um tema que circula há muito tempo”, diz. “É engraçado, porque a minha literatura até *Marrom e Amarelo* era considerada excêntrica, e com ele passou a ser uma literatura de-

colonial brasileira. Você vê como as coisas mudam, porque eu sempre tive personagens mestiços.”

O autor conta que seu livro preferido é *A Timidez do Monstro*, de 2006, por ser marcado por pequenas tragédias. “A editora na época queria cancelar, porque eles viram que estavam gastando muito dinheiro em um livro de poesia, ele tinha um projeto gráfico muito caro. Mas a Isa Pessoa não deixou, disse que iam publicar. Também foi o último trabalho profissional de ilustração do Guilherme Pilla, que é um gênio”, explica.

A publicação mais recente de Scott é *Luz dos Monstros*, lançado em setembro de 2022 pela Aboio. Ele diz que a coletânea de poemas é um grande tratado sobre São Paulo na pandemia, refletindo sobre se o deslocamento por diversas cidades reflete na sua escrita. “Tem tudo a ver, o espaço revela novas perspectivas. Você se deslocar traz outros determinismos, outras atmosferas, predominâncias”, conta.

Atualmente, o escritor está trabalhando no novo romance que se chamará *Ninguém Rondonópolis*, ainda sem data de lançamento. “O protagonista é um policial de fronteira, e se passa no Centro-Oeste, mas começa na cidade de Palhoça (SC), onde há aquelas colônias de pescadores. Dessa vez o personagem principal terá um descendência açoriana”, conta.



COMPANHIA DAS LETRAS/DIVULGAÇÃO/JC



COMPANHIA DAS LETRAS/DIVULGAÇÃO/JC

crítica aos nossos transe sociais”. Além disso, ele lembra da contribuição de Scott entre Direito e Literatura. “Recentemente, suas pesquisas e considerações a res-

Livros de Paulo Scott

Poesia

- » *Luz dos monstros*, editora Aboio, 2022
- » *Se o mundo é redondo e outros poemas*, editora Gato Bravo, 2020
- » *Garopaba Monstro Tubarão*, editora Selo Demônio Negro, 2019
- » *Mesmo sem dinheiro comprei um esqueite novo*, Editora Companhia das Letras, 2014
- » *O Monstro e o Minotauro*, Editora Dulcinéia Catadora, 2011
- » *A timidez do monstro*, Editora Objetiva, 2006
- » *Senhor escuridão*, Editora Bertrand Brasil - Grupo Editorial Record, 2006
- » *Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e atenuar os sofrimentos dos monstros*, Editora Sulina, 2001 (Escrito sob o pseudônimo Elrodriis).

Romances

- » *Marrom e Amarelo*, Companhia das Letras, 2019
- » *O ano em que vivi de literatura*, Editora Foz, 2015
- » *Ithaca Road*, Companhia das Letras, 2013
- » *Habitante Irreal*, Companhia das Letras, 2011
- » *Voláteis*, Objetiva, Objetiva, 2005

Contos

- » *Ainda Orangotangos*, Livros do Mal, 2003; Editora Bertrand Brasil, Grupo Editoria Record, 2007

Graphic Novel

- » *Meu mundo versus Marta*, Companhia das Letras, 2021

nas telas



MILA CAVALCANTE/DIVULGAÇÃO/JC

O Mestre da Fumaça traz aventura e comédia aos cinemas da Capital

Irmãos amaldiçoados pela máfia chinesa

Estreia nos cinemas, *O Mestre da Fumaça*, longa-metragem independente dirigido por André Sigwalt e Augusto Soares, traz o brasileiro Daniel Rocha e o chinês Tony Lee como protagonistas na jornada de dois irmãos amaldiçoados pela máfia chinesa com a temida Vingança das 3 Gerações. A única maneira de sobreviver é

aprender os segredos do Estilo da Fumaça, uma arte marcial ensinada por um mestre singular. Apesar da ênfase no Kung-fu, inspirada no cinema de Hong Kong das décadas de 1960 e 70, é, ao mesmo tempo, uma comédia *stoner*, baseada nos filmes da contracultura americana dos anos 1970 a 90.

Velozes e Furiosos 10 chega aos cinemas

Mais novo filme de uma das franquias globais mais célebres e populares do cinema, *Velozes e Furiosos 10* é uma das principais estreias nos cinemas neste final de semana. Ao longo de muitas missões e contra todas as possibilidades, Dom Toretto (Vin Diesel) e sua família resistiram, contornaram e superaram todos

os adversários que cruzaram o seu caminho. Agora, eles enfrentam o mais letal de todos os seus oponentes: Dante (Jason Momoa), que testemunhou a derrota de seu pai, Hernan Reyes, e passou doze anos elaborando uma complexa e implacável vingança, capaz de destruir a família Toretto para sempre.

Cinema iraniano feito na clandestinidade

Dirigido por Jafar Panahi, *Sem Urso* é mais um longa que o realizador iraniano conduziu na clandestinidade, driblando a ordem que o impedia de trabalhar e circular pelo seu país depois que afrontou os líderes políticos e religiosos. Interpretando a si mesmo, o cineasta aparece isolado em um vilarejo do interior e, mesmo com

uma internet precária, dirige a história de um casal que tenta migrar ilegalmente para a Europa. Ao mesmo tempo, ele se vê em meio a uma discussão da comunidade sobre um casamento arranjado entre dois jovens. Com este filme, Panahi conquistou o prêmio especial do júri no Festival de Veneza de 2022.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Comportamento intrínseco ao movimento antivacina	Papel de Morgan Freeman (Cin.)	Evento durante o qual Jesus realizou o seu primeiro milagre			Avaliação internacional de alunos Buda	Romance de Joaquim Manuel de Macedo
		Primata africano	Corta (a grama)	Indica a zona postal		
Categoria do boxe						Pigmento de certos queijos
Excedera; extrapolará				Avisa o fim do expediente em fábricas		
(?) de si: perder o autocontrole				Impulso mórbido para o furto	(?) verde, iguaria	Album do AC/DC
			Criado que acompanhava o amo		O continente das monções	
Feita de bronze		(?) de unhas, Nail Art				Armadura, em inglês
A pilha palito		"Show" da TV Senado			Grupo pop no-rueguês	
		Reunir (pessoas) (fig.)			Possuir	
			Marcar (p. ext.)			
Asa (poét.)			Material de arapucas			(?) III, rei vencido por Alexandre (Hist.)
Desde o princípio (Mús.)				Leitor de telas para deficientes visuais		
Alegre; contente			Exibição pública de serviços (red.)		Destino de esgotos	
Stan (?), desenhista					Ódio cego	
						Que está na parte mais recôndita
Estar muito próximo de					O tipo mais comum de diabetes	
Deslizar (o avião) na pista para decolagem ou após o pouso				Estrutura "quebrada" na fissão nuclear		
Abelha que produz mel no oco das árvores (bras. RS)						

BANCO 3/lee — tnt. 4/ansa — ênea — orca. 5/anato — armor. 6/da capo — design — tatar. 7/onassis.

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel @coquetel

ASSINE AGORA! www.coquetel.com.br

Solução

O	V	A	V	O	R	O	
I	R	A	I	X	T	A	
R	A	C	N	E	N	A	
R	A	R	A	E	M	A	
O	V	O	M	H	M	B	
W	E	T	O	A	C	D	
R	A	T	A	T	A	N	
H	A	I	C	P	E	A	
N	G	S	I	G	D	E	
O	I	A	C	A	L	E	
T	N	T	C	V	L	O	
V	E	R	S	A	R	I	
V	A	S	S	A	P	T	
O	O	P	E	S	A	P	
O	M	S	N	O	I	C	
A		P	A	V	A	F	

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

- Áries:** O anseio por segurança material deve ser convertido em ações práticas. Atenção, pois o comodismo pode fazê-lo deixar a oportunidade passar.
- Touro:** A Lua Nova indica o começo de um novo ciclo anual. Nascer novas motivações. Você renova aspectos da identidade. Procure tornar mais atual o seu jeito de ser.
- Gêmeos:** Você entra em período final de ciclo pessoal. Veja o que resta como pendência por resolver, ou o que será semente do novo ciclo. Uma fase de reflexão.

- Câncer:** É momento de não se apegar a antigos modelos de vida e se abrir a sonhos. Uma importante reorientação existencial está acontecendo a partir desta Lua Nova.
- Leão:** O dia abre portas para novas e boas oportunidades de expansão para a profissão. É tempo de pensar qual rumo novo, e mais bem definido, seguir na carreira.
- Virgem:** Um forte estímulo atua sobre sua vida intelectual. O momento inclina-o a considerações filosóficas e religiosas. A existência precisa de orientação.

- Libra:** Acordos, participações societárias e recursos indiretos ganham importância. É também começo de um tempo de crises que lhe pressionam a mudar.
- Escorpião:** Você precisa estar de bem com o mundo para que sua vida cresça. De nada serve tentar tudo sozinho. Reveja o que é fundamental em suas parcerias e uniões.
- Sagitário:** A Lua Nova apresenta uma nova fase no trabalho. Exigências e oportunidades se mesclam para criar possibilidades de desenvolvimento. Prepare-se para trabalhar.

- Capricórnio:** A Lua Nova indica o início de um período mais criativo. Tempo de dar expressão a motivações e sentimentos. Por hoje, tudo isso pode estar um tanto revolto.
- Aquário:** Você começa a morar em circunstâncias novas. Mas isto entra aos poucos em acionamento, desde que não resista em aceitar as novidades que se apresentam.
- Peixes:** A Lua Nova estimula a atividade mental, ao organizar o lado prático da vida. A rotina deve se acomodar dentro de novos padrões, saudáveis e satisfatórios.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Novas alianças, conspirações e embates na Sociedade Alexandrina

O Paradoxo de Atlas (Editora Intrínseca, 464 páginas, R\$ 69,90, tradução de Karine Ribeiro), de Olivie Blake, pseudônimo de Alexene Farol Follmuth, uma apaixonada por histórias e por ficção especulativa, autora do fenômeno literário *A sociedade de Atlas*, que viralizou no Tik Tok, é a aguardada sequência do *best-seller* e mostra novas alianças, conspirações e embates na lendária Sociedade Alexandrina.

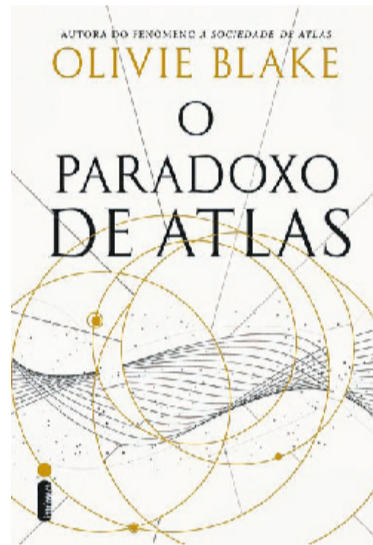
Os leitores brasileiros vão saber o que o futuro reserva para os escolhidos de Atlas Bakely em *O Paradoxo de Atlas*. Na continuação, os mágicos mais poderosos do mundo terão que lidar com relevações chocantes sobre a natureza da Sociedade Alexandrina e sobre si mesmos. Na trama eletrizante e envolvente, o destino é uma escolha, e toda escolha tem consequências devastadoras.

Detentora do conhecimento perdido das grandes civilizações

da Antiguidade, a Sociedade Alexandrina guarda mistérios que a cada década precisam ser desvendados por mágicos excepcionais. Comandada por Atlas Blakely, um homem misterioso com um passado sombrio, o lugar garante aos seus membros uma vida de prestígio e privilégios.

Para garantir um lugar na Sociedade, seis jovens aceitaram participar de um jogo incendiário, mas apenas cinco deles concluíram a iniciação. Agora eles precisam lidar com suas indecisões e entender quem - ou o quê - está por trás da instituição, enquanto tentam decifrar um enigma que desafia as leis do espaço-tempo.

Alianças começam a ruir e novos pactos são forjados, e eles logo se veem presos numa intrincada teia de conspirações que põe à prova tudo em que acreditavam. Diante de dois caminhos implacáveis que podem definir o futuro da huma-



nidade, é preciso escolher um lado. Se o conhecimento cobra um preço, o que mais eles vão sacrificar? Os mágicos de Olivie Blake serão vistos em breve nas telas em uma série da Amazon Studios, com produção-executiva da Brightstar e da própria autora.

e palavras

OS PRIMEIROS NOVENTA ANOS DO JORNAL DO COMÉRCIO

No próximo dia 25 de maio, que é o Dia da Indústria, nosso querido Jornal do Comércio completará seus gloriosos primeiros 90 anos de circulação ininterrupta, o que é motivo de imenso júbilo para as famílias Jarros e Tumelero, para todos os colaboradores e para a comunidade em geral. Mércio, Giovanni e Stefania Tumelero atualmente dirigem com maestria o JC, em sequência à longa trajetória iniciada por Jenor C. Jarros e continuada pela saudosa Sra. Zaida Jayme Jarros. Nestas últimas décadas, Mércio Tumelero tem liderado importantes mudanças administrativas, tecnológicas e editoriais no JC, com o apoio da família e dos funcionários.

Poucos periódicos riograndenses, brasileiros e mesmo estrangeiros podem se orgulhar de existir por tantas décadas. Em geral, jornais têm tempo de vida parecido com a dos seres humanos. Nosso JC é um noventão lépido e faceiro e segue, atualmente, com o laborioso e competente Guilherme Kolling como Editor-Chefe. Nosso JC permanece firme como um eterno blazer azul marinho, sem necessidade de apelar para modismos e concessões.

No início de 1994, eu caminhava pelo Parcão com o querido e velho amigo Mércio e ele, muito gentil, elogiou meus escritos e me convidou para colaborar com o JC. Plínio Dotto me recebeu cordialmente na redação e, inicialmente, escrevi artigos de opinião.

Passados quase 30 anos, acho que não nos ar-

repndemos pelas escolhas e caminhos e seguimos juntos, renovados como a luz da manhã.

Quando o inesquecível jornalista, escritor e crítico de cinema Jefferson Barros tornou-se nosso Editor de Cultura, no final de 1994, passei a assinar uma coluna semanal de livros no jornal. Desde então, a coluna tem sido publicada sem qualquer interrupção. Só não assinei a coluna em uma oportunidade. O motivo era mais do que justificado: eu estava com pneumonia. Mônica Kanitz, a editora na época, me substituiu.

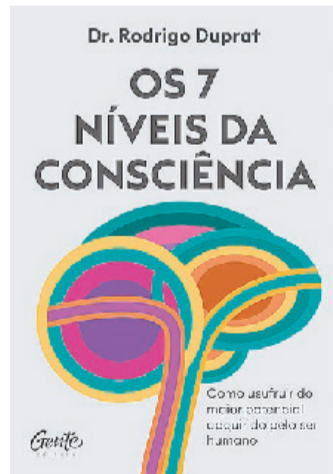
Depois do Jefferson segui na Cultura com Beta Timm, Maria Wagner, Mônica Kanitz, Cristiano Dias Vieira, Carol Zatt e, atualmente, estou sob a batuta do simpático e antenado Igor Natusch. Agradeço a todos os editores pelo apoio e pela paciência, em especial a Maria Wagner, grande pessoa e jornalista cultural, com quem convivi muitos anos e aprendi inúmeras coisas inesquecíveis.

É claro que fico muito feliz e agradecido por poder seguir assentando meus modestos tijolinhos nesta obra em contínua construção e evolução e que tem merecido o reconhecimento da comunidade sulina e de outras partes do Brasil. Num país de grandes e tradicionais jornais como o Brasil e num estado de tanta tradição jornalística como o RS, ser reconhecido como um dos melhores periódicos é um prêmio justo e um importante e enorme desafio para o futuro, que certamente será enfrentado e vencido.

lançamentos



► **Governança Flex no País do Carnaval** (Editora Wonderful, 106 páginas, R\$ 71,00), de Ana Lucia Schena, há 23 anos no mercado corporativo, viaja no tempo e mostra a evolução do carnaval brasileiro, com analogia ao modelo de gestão de governança corporativa. Lançamento 23/5, 18h30, Cultura, Bourbon Country.



► **Os sete níveis da consciência** (Editora Gente, 256 páginas, R\$ 59,00), do médico integrativo e cirurgião Rodrigo Duprat, mostra como usufruir do maior potencial adquirido pelo ser humano. O autor propõe análise sobre descobertas, controvérsias e mistérios do conhecimento moderno, a partir de níveis de consciência.



► **Porto Alegre Blues** (Ardo-tempo, 64 páginas), de Pedro Gonzaga, professor, escritor, poeta, músico e tradutor, é sua obra mais recente, seu décimo livro. O livro-poema de uma só estrofe acompanha o despertar de um homem no centro de Porto Alegre. Posfácio de Mariana Ianelli e fotos de Gilberto Perin estão no livro.

a propósito...

Mantendo a tradicional versão impressa, em paralelo com a moderna e indispensável versão eletrônica e plataformas digitais, o JC vai atravessando as décadas e rumando para o primeiro século de existência preservando os princípios que nortearam sua fundação: o profundo respeito à democracia, à livre economia de mercado e aos clássicos e seculares mandamentos

do melhor jornalismo praticado no mundo. Isso é ainda mais altamente relevante num momento em que tantos questionam os caminhos e os conteúdos do jornalismo que vem sendo praticado em nosso Brasil e em outros países. Vida ainda mais longa ao Jornal do Comércio, que corporifica as melhores qualidades de nossa comunidade.

(Jaime Cimenti)

pensando cultura

Ilustradora gaúcha expõe obras na Avenida Paulista

A porto-alegrense Talita Hoffmann, um dos nomes em evidência na ilustração contemporânea, está entre as artistas que têm obras na nona edição da Exposição da Paulista. A mostra traz trabalhos de seis jovens artistas de diferentes origens e tem como tema *Democracia, Paz e Trabalho*. Iniciativa da União Geral dos Trabalhadores (UGT) a exposição ocupará, até o dia 31 de maio, um trecho de um quilômetro da avenida símbolo da maior metrópole da América Latina, por onde passam 1,5 milhão de pessoas por dia.

A Avenida Paulista, além de ser um ícone da diversidade e grandiosidade de um país como o Brasil, é um espaço que congrega diversas instituições culturais. Para colorir a via, do Sul do País vem a gaúcha Talita Hoffmann, que traz em suas obras a influência de sua formação em Design Gráfico e Artes Visuais.

Atualmente baseada em São Paulo, Talita explora o campo visual com um método compositivo no qual as figuras se colocam como notas musicais numa partitura, definindo melodias e ritmos, imprimindo à narrativa uma visualidade bem objetiva. A figuração mobilizada pela artista tem um tratamento gráfico que transforma os objetos representados em ícones sintéticos e dá à composição um tom direto e comunicativo.

Na Exposição da Paulista, Talita apresenta cinco painéis, intitulados: *Amazônia, Cultura, Moradia, Saúde e Trabalho*. Nesses painéis, a artista resalta aspectos do trabalho humano, realçando a figura da mão que está sempre em ação, construindo algo, costurando, tecendo, bordando ou desenhando futuros. Colocando em evidência as mãos que trabalham para o bem, a artista homenageia o poder inerente que as pessoas carregam para transformar a sua realidade.

O elenco de artistas que acompanham Talita nas obras é composto por um universo de mulheres. A mostra traz as obras de Catharina Suleiman,

de origem libanesa; Erica Mizutani (aka Mizu), com descendência japonesa; e Soberana Ziza, mulher preta, nascida e criada na Zona Norte da cidade. Do norte do país, Moara Tupinambá, de Mairi, em Belém do Pará, e Moara Negreiros (aka Moka), nascida no Acre e criada em Macapá. Este universo de mulheres de ascendências diversas reflete e justifica o tema da exposição, *Democracia, Paz e Trabalho*, valores interdependentes e fundamentais para o bem-estar e progresso de uma sociedade.

O curador Baixo Ribeiro explica a escolha do tema e das artistas comentando que queria mostrar, com a exposição, a importância do cuidado com o mundo, com os outros, com a paz e com a democracia. Colocando em evidência aqueles que realmente trabalham para o país e a sociedade crescerem, a mostra traz “o costurar de Catharina Suleiman, o regar de Erica Mizutani, o plantar da artista Moka, o lavar de Soberana Ziza, o tecer de Talita Hoffmann e o curar de Moara Tupinambá”.

O artista responsável pela curadoria da exposição complementa: “enquanto alguns saem para guerrear e conquistar, outros ficam cuidando de garantir alimento, saúde, educação e cultura para todos - ou seja, preservando a paz - através de trabalhos árduos e muitas vezes invisíveis, como os que aparecem nos painéis das artistas da Paulista.”

Ricardo Patah, presidente da UGT, justifica a escolha do tema: “a Democracia é um sistema de governo em que o poder reside no povo. A Paz é fundamental para o desenvolvimento sustentável e a prosperidade. E o Trabalho é essencial para o desenvolvimento econômico, o bem-estar e o progresso social”, explica. Os três pilares se unem na Exposição em um grande presente e tributo da UGT aos trabalhadores da maior cidade brasileira.

Coordenada pela Secretaria de Organização e Políticas Sindicais da UGT e pela Maná

Produções, Comunicações e Eventos, a Exposição da Paulista é uma das maiores exposições ao ar livre do mundo e ocupará a Avenida, entre a Rua Augusta e a Alameda Campinas. Após oito edições e já consolidada, caminha para se tornar um evento oficial da cidade de São Paulo.



Talita Hoffmann integra grupo de artistas mulheres que estão presentes na nona edição da Exposição da Paulista, com obras enfeitando 1 km da via



Obra 'Amazônia', de Talita Hoffmann, que ocupa a Avenida Paulista em exposição ao ar livre